

Prefácio

Fernanda Verdasca Botton
(Doutora em Literatura Portuguesa pela USP,
Professora do Centro Tecnológico Paula Souza)

Ao “som das páginas viradas”, no poema **Registro insano**, Laura Figueiredo observa essa “abstração canônica” dos livros lidos e escritos como única forma de enfrentarmos a “viagem insana” que é o mundo. Mundo dela, poetisa, mas também mundo nosso, em que nos reconhecemos inseridos em seus poemas, já que também, por vezes, estamos submersos nos medos e tempestades retratados por cada um de seus versos.

Mimese dos nossos sofrimentos, o mundo delineado por Laura Figueiredo identifica os temores que cada um de nós viveu, porque sabemos o que fomos, porque, como ela, vemos o nosso passado e identificamos nas linhas de nossas memórias, de suas memórias, das memórias dos cânones, as palavras e as vidas de tantas personagens literárias que foram “Helenas, Vitóriaas, Julianas [...] Luizas, Capitus”, que fomos nós e que foram, ou não, Laura.

Nas páginas a serem viradas, podemos ver uma alma feminina, cercada por um mundo robótico, onde a vaidade e a artificialidade querem diluir todos os sonhos

com um “poderoso ácido de superficialidade”, como em **Mundo efêmero**. E, para lutar contra esse mundo, a mãe natureza, “incondicionalmente provedora de seus filhos”, confunde-se com o próprio ato de ser mãe Laura – mãe de Bruno, Fabio e Felipe – mas também mãe de símbolos que nos remetem às sensações de Baudelaire, ou à sinfonia das assonâncias de Verlaine, ou então à forma canônica do soneto ou dos versos sem forma que discutem o amor, a religiosidade e as dores do ser que está no mundo... por fim, uma mãe a unir o nosso presente ao inteligível passado, mãe cuja forma não é serva do tema, dos medos que nos querem enfraquecer, pois unida às páginas de Camões, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Vinicius de Moraes, Guimaraes Rosa, Drummond... entre tantos... e entre outros... aceita os desafios da intertextualidade e, movida contra e pelas palavras, escreve um livro de poemas a mostrar que o sonho é uma realidade a ser vivida e resgatada (como o “paradoxo do eterno ser passageiro”).

Sua vida acadêmica de estudante de Letras na Universidade do Grande ABC e de pós-graduada em tradução formou não somente a professora Dona Laura que desbrava a mente de seus alunos, mas também a indiscutível poetisa lutadora que detém “o poder de escolha de vida” e que em **O sonho**, em **Duelo de**

sentimentos – e em cada um de seus poemas – reflete faces de seu mundo, não apenas o intertextual, mas o mundo em que vivemos, em que nos perdemos nas névoas traiçoeiras do destino, o nosso mundo que era e que é o labirinto dentro de cada um de nós.

“Qual é a melhor idade?”, pergunta a poetisa em **Etapas etárias** e ela mesma nos responde em versos esparsos de seu livro: a que sorrimos não para sermos filmados, mas para sermos felizes; a que percebemos viver em um paradoxo de sentimentos que nos querem perder, mas insistimos em batalhar; a que decidimos lutar, não para amar odiando, mas sim para que nosso mundo tenha a esperança de ser concertado...

Semeando palavras, Laura colhe poesias e nos traz imagens em que somos refletidos por espelhos que nos perdem quando insistimos em nos identificar.

Entremos na “Semântica do caos”!